

# PRESERVAÇÃO DA ARQUITETURA ITALIANA E ALEMÃ NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Luana Pellin, Inara Pagnussat Camara

Arquiteta e Urbanista; Pós-graduanda em Arquitetura de Interiores, UNOESC;  
Mestre em Arquitetura e Urbanismo- IMED, Passo Fundo/RS; Doutoranda em Urbanismo – Ulisboa,  
Lisboa/PT; Professora de Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UNOESC, Videira/SC

Resumo: As transformações sociais ocorridas na Europa, principalmente no século XVIII, afetaram não somente aquele continente, mas também influenciaram a cultura na região Sul do Brasil. A imigração de italianos e alemães manifestou-se em todo o país, porém ao sul tiveram notável expressão, formando núcleos urbanos importantes, os quais carregam as tradições até os dias atuais. Este artigo busca compreender a influência da arquitetura italiana e alemã na região Sul utilizando-se de estudos de caso de edificações em cidades que foram colonizadas basicamente por uma nacionalidade. Esta pesquisa é um recorte de uma pesquisa maior onde, serão apresentados aqui duas construções de forte caráter arquitetônico, cultural e turístico e comparadas suas técnicas e elementos construtivos para compreender o que são traços típicos e o que são releituras e adaptações locais. Elaboraram-se tabelas comparativas entre as duas culturas, e em uma segunda etapa desta pesquisa, contrapõem-se as técnicas e elementos com a cidade de Videira/SC. A cidade de Videira/SC, possui sua formação política, seu desenvolvimento econômico e social, diretamente ligado à estas duas origens, as quais foram marcantes na colonização do município. Conforme os estudos avançam, fica clara que as técnicas e materiais empregados tiveram que ser adaptados ao novo território, ao clima e aos saberes construtivos perpassados por décadas de colonização.

Palavras-chave: Colonização. Patrimônio arquitetônico. Preservação.

## 1 INTRODUÇÃO

As colonizações italianas e alemãs manifestara-se em diversas regiões do Brasil, porém tiveram notável expressão e destaque em toda a região Sul do país. Estes imigrantes, com seus costumes e crenças, influenciaram de diversas formas a maneira de viver dos nativos brasileiros. O modo de habitar, de construir, de produzir sua gastronomia, a religiosidade e a cultura rica em costumes e hábitos passaram a ser expressos nas novas terras, misturando-se e adaptando-se a realidade existente em cada local. As principais marcas vistas até os dias atuais, são os traços da arquitetura, as crenças religiosas e os hábitos gastronômicos.

Na arquitetura, através dos padrões arquitetônicos europeus, surgem novas formas de edificar no sul do Brasil. Os imigrantes traziam consigo técnicas construtivas, as quais eram adaptadas aos materiais encontrados no novo território e as necessidades do clima, manifestando-se novos padrões de edificar, associado a cultura e as tradições, marcando significativamente a arquitetura o sul do país.

Desde sua formação política na década de 40 até seu desenvolvimento econômico e social por meados da década de 80 e 90 a cidade de Videira, em Santa Catarina está ligada aos imigrantes

italianos e alemães que colonizaram o município. Importante ressaltar que os imigrantes vieram a densificar os povoados, porém, estas terras já eram povoadas por caboclos e índios. Por intermédio da bagagem de colonizadores alemães e italianos, a cidade tornou-se um importante produtor de uvas, recebendo títulos, festas e desenvolvendo uma rica herança cultural.

Embora alemães e italianos sejam os principais colonizadores, outras culturas e povos de outras regiões também fizeram morada no Oeste Catarinense. Na cidade de Videira, mesclaram-se técnicas construtivas com os saberes de cada povo aos materiais e condições apresentados por este sítio apresentando hoje, uma diversidade cultural.

Este artigo apresenta o embasamento inicial de uma pesquisa maior onde serão estudadas as principais cidades colonizadas por italianos e alemães e através de estudos de caso, buscamos compreender os traços arquitetônicos de cada cultura. Em um momento posterior, estas edificações e técnicas construtivas serão contrapostos com edificações na cidade de Videira, buscando compreender a herança trazida pelos imigrantes e, as releituras e adaptações que ocorreram no decorrer da evolução da cidade.

As cidades escolhidas para o recorte desta pesquisa, foram delimitadas pela proximidade com a cidade de Videira, com número de imigrantes

alemães e italianos que fizeram morada nestes vales e principalmente por seu caráter turístico voltado à colonização europeia. Este trabalho possui grande relevância visto que, de maneira geral, o Brasil possui pouco incentivo público para preservação da sua história, as edificações predominantes do Sul, que são feitas basicamente em pedra e madeira, são as primeiras a sofrerem com o descaso, abandono e demolição. Assim, este trabalho contribui com o mapeamento e registro das edificações com forte caráter cultural e histórico no Oeste Catarinense.

## 2 IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO SUL DO BRASIL

As transformações ocorridas na Europa alteraram a dinâmica de muitos países, ocasionando mudanças culturais e históricas nos novos territórios. Um dos principais resultados das mudanças e conflitos europeus do século XVIII e XIX foi o espalhamento destes povos, formando novos núcleos e se adaptando aos povos existentes em diversos locais do mundo. No Brasil, tiveram forte influência e colonizaram muitas regiões do Sul do país.

Conforme Oliveira (2004), a segunda metade do século XVIII foi marcada por grandes mudanças econômicas e sociais na Europa. Na França, as ideias liberais e, na Grã-Bretanha, as transformações econômicas, deram a sensação de ruptura com o passado. Vieira Filho e Weissheimer (2011) afirmam que com início na Inglaterra, a Revolução Industrial mudou drasticamente o mundo e que, a partir de então, passou a trocar a força do homem pelas máquinas.

Na Europa dos séculos XVIII e XIX, essas transformações foram intensas e romperam relações seculares, provocando o crescimento desenfreado e a explosão demográfica das cidades e a paulatina diminuição populacional da área rural. Houve um quase colapso da agricultura e do artesanato. Milhões de pessoas viram-se subitamente desalojadas de seus lugares e de suas atividades tradicionais. A alternativa de engajamento na nova ordem era duríssima: trabalho bruto e sem garantias, em jornada de trabalho acima de 15 horas, vivendo sem qualquer garantia de trabalho, em condições mais do que precárias de higiene, saúde e moradia. Nesse contexto, a opção de milhões de pessoas foi emigrar. (VIEIRA FILHO; WEISSEHEIMER, 2011, p. 18).

Com poucas alternativas, a opção foi migrar na perspectiva de uma nova vida em novas terras. De acordo com Gregory (2007), no Brasil no século XIX, a vinda de imigrantes foi facilitada, principalmente, na segunda metade do século com a abolição do tráfico negreiro. A emigração de europeus tinha o objetivo de prover mão de obra

nas lavouras de café e camponeses para os núcleos coloniais que estavam sendo criados.

A vinda de muitos emigrantes para o Brasil e, em especial, para Santa Catarina, deve ser compreendida a partir da Independência, em 1822, consoante Coutinho (2018). O território não havia tomado parte de nenhum ciclo econômico que justificasse, por si só, a sua ocupação. Até meados do século XVIII, ou seja, quase 250 anos depois do Descobrimento, permanecia quase despovoado de europeus e seus descendentes (FILHO; WEISSHEIMER, 2011, p. 20).

Uma das preocupações do país era proteger seu território contra o ataque de invasores, muito comum em regiões pouco habitadas como o Sul. Neste período, houve invasões espanholas e argentinas em diversos territórios sulistas. A vinda dos imigrantes era vantajosa para o Brasil, permitindo a formação de novos núcleos, em diversos estados e transformando a composição étnica dos estados brasileiros. Em Santa Catarina predominaram inicialmente os imigrantes alemães, mais tarde grupos de italianos, poloneses, ucranianos e japoneses. Desta forma o estado, apresenta sua composição étnica multifacetada, com formação sociocultural fortemente influenciada pelos europeus.

### 2.1 A imigração Alemã

A emigração alemã ocorreu em virtude de transformações sociopolíticas e econômicas que aconteceram na Europa no século XIX. As regiões de procedência dos grupos de alemães eram diversas, durante o Século XIX, garantindo uma grande heterogeneidade cultural. Ainda, os destinos dos grupos de imigrantes dependiam dos agentes na Alemanha e dos receptores no Brasil (COUTINHO, 2018).

A entrada dos alemães no Brasil, durante o Primeiro Reinado, ocorria pela Praia da Armação em Niterói, a partir da qual eram distribuídos aos seus locais de destino. Depois, foram utilizados outros portos, como o de Santos, Itajaí e de Rio Grande. As colônias, depois de criadas, iam recebendo colonos de diferentes origens. Desta forma, as colônias eram compostas por alemães oriundos de diversas localidades da Europa. (GREGORY, 2007, p. 145).

Conforme dados do IBGE, a imigração alemã no Brasil iniciou-se em 1824 e atingiu seu maior número entre 1920-29, com a chegada de 75.801 imigrantes. No total, o Brasil recebeu 258.342 imigrantes alemães.

Em Santa Catarina, a primeira colônia alemã fundada foi em 1829, em São Pedro de Alcântara, a 30 quilômetros de Florianópolis, a capital catarinense (COUTINHO, 2018). Com os anos

esses imigrantes foram formando novos núcleos, e, em muitos casos, originando novas cidades. Atualmente, conforme Coutinho (2018), Santa Catarina é o estado mais germânico do Brasil, pois aproximadamente 25% de seus habitantes têm ascendência alemã, em uma população de 6.248.436 habitantes (IBGE, 2010). Esse grande número de descendentes pode ser identificado em vários locais do estado e, geralmente, faz parte do seu círculo de convivência.

Os imigrantes alemães trouxeram técnicas de arquitetura que não eram encontradas no Brasil, com destaque para o estilo enxaimel, que passou a ser utilizado de modo muito predominante na região Sul do Brasil. “Trata-se de uma técnica construtiva em que as paredes são montadas com hastes de madeira e encaixadas entre si e os espaços são preenchidos com pedras ou tijolos.” (SIMONELLI, 2015). Para compreender melhor a dimensão do alcance da influência da arquitetura alemã, o Iphan (2011, p. 147) coloca que:

Mais de mil casas, estabelecimentos comerciais, igrejas, comércio e arquitetura com variadas funções, como fábricas e hospitais, subsistem espalhadas por toda a região de imigrantes alemães, construídas com este tipo de estrutura. [...] O enxaimel perdurou, nas áreas ocupadas por colonos alemães em Santa Catarina, até o momento em que a arquitetura, já em meados do século XX, com o modernismo e as implicações do pós-guerra, deixou de referir-se às tradições de seus construtores, apegando-se a refletir apenas os anseios de sua época.

A planta de uma casa típica alemã, de acordo com o texto Patrimônio do Imigrante do Iphan (2011), possuía uma varanda na parte da frente, ocupando toda a testada do imóvel. A cozinha dividia espaço com o comedouro e estava nos fundos; esse espaço era uma espécie de sala íntima, as famílias ali conviviam em volta do fogão e da grande mesa de refeições. E no módulo central estavam a sala, quarto e sótão. Essa solução foi adotada em todas as regiões de imigrantes alemães e poloneses em Santa Catarina, além de ter presença nas casas dos italianos do Vale do Itajaí.

## 2.2 A Imigração Italiana

As transformações ocorridas na Europa afetaram também a Itália, ocasionando com que muitas pessoas buscassem por melhores condições de vida em outros países. Furlan (1997) descreve que as razões da imigração italiana foram a superpopulação, com mão de obra excedente; concentração da maior parte das terras com pessoas de alto poder; baixo nível de vida da

população rural, levando à pobreza e, conseqüentemente, desnutrição; oscilações dos ciclos econômicos e das colheitas; altos impostos falindo os pequenos proprietários.

De acordo com Seyferth (2002), foi a partir de 1870 que a emigração italiana para o Brasil começou a se intensificar. Contudo, conforme relata Trento (1989), foi no período entre 1887 e 1902 que o país recebeu o maior número de imigrantes provenientes da Itália.

[...] entre 1870 e 1920, momento áureo do largo período denominado como da “grande imigração”, os italianos corresponderam a 42% do total dos imigrantes entrados no Brasil, ou seja, em 3,3 milhões de pessoas, os italianos eram cerca de 1,4 milhão. (GOMES, 2007, p.161).

Em razão das orientações que dirigiram as políticas de atração de imigrantes, o italiano acabou por condizer a uma espécie de tipo ideal, relata Gomes (2007), pois a proximidade das línguas, religião e costumes assegurava que não se formariam núcleos étnicos, colocando em perigo a segurança da nacionalidade. Durante 1870 e 1930 ocorreu a imigração subvencionada, que tinha o objetivo de estimular a vinda de famílias inteiras de imigrantes de mais de uma geração. Gomes (2007) descreve que as passagens eram financiadas, assim como o alojamento e o trabalho inicial no campo ou na lavoura.

Os destinos para os imigrantes eram as fazendas de café em São Paulo, ou os núcleos de colonização no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. De acordo com Bueno (2019), os primeiros italianos chegaram na região sul, criando em 1875 as primeiras colônias no estado do Rio Grande do Sul. Já em Santa Catarina, também em 1875, foram estabelecidas na parte Sul do território catarinense as primeiras colônias italianas, em uma área que já haviam sido fundadas colônias alemãs (ESPÍNDOLA, 2018). Esses imigrantes se espalharam por diversas regiões do país, principalmente, na região sul, influenciando diretamente na cultura da sociedade brasileira e na formação de novos núcleos.

Os italianos trouxeram conhecimentos técnicos e costumes que passaram a introduzir em suas edificações nas novas terras. As primeiras casas eram improvisadas, com telhado de palha e o fechamento era dos mais diversos, podendo ser de pau a pique (SANTIAGO; LUCA, 2007). Mas assim que conseguiam se estabilizar, os imigrantes construíam suas casas permanentes, com os materiais encontrados na região, a madeira que era muito abundante na maioria das regiões, porém

pouco utilizada e conhecida pelos imigrantes, e a pedra, que já era conhecida e utilizada na Itália.

Conforme Badalotti, Tedesco e Welter (2018), os imigrantes trazem o hábito de construir três edificações: a primeira era destinada a residência e áreas de descanso, a segunda destinava-se a cozinha e a terceira era destinada para galpão. O galpão geralmente estava localizado mais distante da residência e servia como abrigo de animais e depósito. A residência possuía mais de um pavimento, conforme Gutierrez (2000 apud BADALOTTI, 2014, p. 1014), sendo geralmente três: porão, a moradia e o sótão. Normalmente era utilizado o desnível do terreno a favor da construção, implantando um porão semienterrado, sendo, na maioria das vezes, de pedra, e nesse local eram armazenados vinhos, queijos e salames.

A cobertura das construções dos imigrantes, em grande parte, constitui-se de quatro águas e de beiral pequeno. A planta baixa, tradicional e típica, é representada por um retângulo, mas com fachadas estudadas, sempre mantendo uma harmonia e simetria (BADALOTTI, TEDESCO E WELTER, 2018). Muitas casas possuíam varandas grandes elaboradas com lambrequins.

As residências possuíam no pavimento térreo muitos dormitórios, em razão do grande número de filhos, uma grande sala no centro, local que à noite as famílias se reuniam para rezar o terço, de acordo com Bonetti, Rolla e Hess (2007). O sótão, logo abaixo do telhado, era um local quente e seco e, por isso, era destinado para conservar alimentos. A cozinha, separada da casa, era ligada à residência através de uma cobertura. Badalotti, Tedesco e Welter (2018) descrevem que esse partido arquitetônico era utilizado em virtude do perigo de incêndio.

Essas construções ainda fazem parte da paisagem de muitas cidades, principalmente, na região sul. Muitas dessas edificações com esse caráter histórico já foram tombadas pelo IPHAN para serem preservadas e mantidas na memória e cultura dos habitantes.

### 3 IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO SUL DO BRASIL

O primeiro estudo de caso é o centro cultural de Pomerode, localizado na região do Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina. A cidade possui população estimada de 32.874 habitantes (IBGE, 2018), e conta com área de 214,99km<sup>2</sup> (IBGE, 2018). Esta edificação possui forte caráter turístico e cultural da colonização alemã no Sul do Brasil.

O segundo estudo de caso é o moinho Colognese, que faz parte do conjunto museu do pão em Ilópolis, localizado na região centro norte do estado do Rio Grande do Sul, fazendo parte do Alto Vale do Taquari. Sua população estimada é de 4.091 habitantes (IBGE, 2018) e conta com uma área de 118.144 km<sup>2</sup> (IBGE, 2018). Esta edificação possui fortes traços arquitetônicos da cultura italiana e é referência cultural e turística no Sul do Brasil.

A distância entre as duas cidades em linha reta é de aproximadamente 380 km, ou 548 km através da BR-470 (Figura 01). A escolha dos estudos se justifica pela forte influência que as arquiteturas exercem sobre as cidades, atraindo a população local e aliando o turismo. Ambas as cidades fortemente colonizadas por europeus, utilizaram de sua arquitetura para fortalecer a conexão entre as pessoas e a comunidade por meio do envolvimento com atividades que retratam a herança dos imigrantes colonizadores dos municípios, salvando seus valores.

Figura 1 – Localização de Pomerode/SC e Ilópolis/RS



Fonte: Wikipédia, online, 2019.

#### 3.1 Centro Cultural Pomerode, SC

O município de Pomerode, localizado na região do Vale do Itajaí, iniciou sua colonização no ano de 1863, como parte da Colônia de Blumenau, fundada por Hermann Otto Blumenau. “O nome Pomerode está ligado à origem de seus fundadores, imigrantes vindos da Pomerânia, região ao norte da Alemanha.” (VEM PRA POMERODE, online, 2019).

Em 1901, Pomerode era parte do município vizinho, a cidade de Blumenau. Neste período, instalou-se a primeira indústria na cidade. A empresa Weege Indústria Alimentícia foi um centro de desenvolvimento da região, e quase todas as famílias de Pomerode trabalharam na empresa durante seu período de maior funcionamento. A indústria possuía várias edificações, sendo assim denominado de Complexo Weege, que contemplava: loja comercial, fábrica de tintas, fábrica de banha, frigorífico, fábrica de latas e caixas, defumador e fábrica de laticínios.

O local tornou-se um referencial às pessoas idosas para referir-se à sua história, pois no espaço aconteceram as grandes transações comerciais da

cidade e grande parte de decisões políticas do município. No ano de 1999 a empresa foi desativada após um momento de crise econômica e durante anos de abandono, a desapropriação do imóvel, vindo a se tornar o Centro Cultural de Pomerode (JORNAL DE POMERODE, online, 2015). As edificações antigas do Complexo Weege foram restauradas ou revitalizadas, buscando a recuperação das linhas arquitetônicas do início do século XX (ALTHOFF, 2010), com uma releitura contemporânea e traçados europeus. Assim, atualmente o complexo do Centro Cultural comporta seis prédios antigos e uma construção totalmente nova onde está implantado o Teatro Municipal.

O primeiro espaço a ser inaugurado do Centro Cultural foi o Museu Pomerano, no ano de 2008. Em seguida, em 2009, foi inaugurado o Teatro Municipal, porém por ser uma edificação totalmente nova, apresenta uma releitura da arquitetura industrial e alemã, considerando o contexto histórico de instalações industriais e comerciais preservando as características arquitetônicas e a harmonia de todo o conjunto arquitetônico. Nos prédios onde estavam instaladas a Fábrica de Latas e o frigorífico foram adequados para comportar o Espaço Multiuso, o qual abriga atividades culturais, como música, oficina, biblioteca, auditório, arquivo histórico, galeria de arte e um espaço para a Fundação Cultural (ALTHOFF, 2010), entre outras atividades.

Para preservar a estrutura existente e sua situação precária, foi necessário cuidado para a preservação da integridade da obra a fim de que ela pudesse ser utilizada como um centro cultural e comportasse de forma eficiente as atividades desenvolvidas neste novo local. O projeto propôs transformar este espaço em uma área cultural, mantendo as características originais da edificação e preservando o perfil do estilo construtivo germânico aliado às características industriais da antiga edificação.

Na nova estrutura do teatro, os projetistas visavam manter a concepção conceitual do projeto original, para preservar uma harmonia arquitetônica entre todas as edificações do Complexo Weege. Assim, o resultado é um espaço novo, moderno, porém sem perder as características alemãs, uma vez que valoriza as instalações comerciais e industriais e utiliza elementos, como telhados cerâmicos, alvenaria de tijolos aparentes com reboco e estruturas de madeira.

A escolha dos materiais e técnicas construtivas utilizadas na execução das obras remete às utilizadas em meados do ano de 1901, com técnicas e materiais construtivos mais simples, locais e vernaculares. Para a implantação do Centro Cultural foram realizadas intervenções por meio de restaurações e revitalizações, preservando

a edificação abandonada e deteriorada, colocando-a novamente no cerne da cidade de Pomerode e da preservação de sua cultura e história germânica.

### **3.2 Ilópolis e o Museu do Pão, RS**

Com a formação do município predominante por imigrantes italianos que chegaram ao país a partir de 1909, o Alto do Vale do Taquari manteve as tradições desses povos com fortes heranças culturais. Os moinhos são essenciais à formação identitária dessa cultura, pois a farinha é a base do pão, alimento que fazia parte do hábito alimentar dos italianos em sua terra de origem. Ainda, as condições climáticas e morfológicas desta região, estimulavam o plantio e a produção deste dos alimentos derivados da farinha de milho e trigo.

Localizado na cidade de Ilópolis, RS, o moinho Colognese foi construído em 1930 por uma sociedade entre os irmãos José e Biaggio Tomasini e Pedro e Antonio Baú. O moinho foi todo construído com madeira de araucária, pois era muito abundante na região e o maquinário era a vapor e alimentado por lenha (ILÓPOLIS, online, 2019). O moinho passou por diversos proprietários até a sua desativação, porém no ano de 2004 a Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari foi criada e adquiriu o imóvel com recursos doados pela Nestlé Brasil, com o objetivo de revitalizar os moinhos da região e criar espaços alternativos e turísticos junto a estes pontos, preservando a forte presença da cultura italiana no local.

Em 2005, com o apoio da prefeitura de Ilópolis, auxílio dos alunos do curso de Restauração e Artesanato de Madeira do Instituto Ítalo Latino-Americano, patrocínio da Nestlé Brasil, IPHAN e Universidade de Caxias do Sul, o escritório Brasil Arquitetura, localizado em São Paulo, desenvolve o projeto para a restauração do moinho. Elabora o projeto dos novos conjuntos, o Museu do Pão e a Escola de Panificação e Confeitaria (ILÓPOLIS, online, 2019). No ano de 2007, as novas construções e todo o restauro do moinho e do seu maquinário são concluídos, sendo inaugurado no ano seguinte.

O complexo do Museu do Pão é integrante da rota turística “Caminhos dos Moinhos”, que integra quatro cidades do Vale do Taquari. O objetivo da rota é preservar e apresentar à população registros da imigração italiana e da produção de farinha de milho e trigo nestas edificações em madeira, com traços europeus e movidas a rodas de água. Ainda, possui objetivo de incentivar o turismo local, proporcionando as gerações novos conhecimentos sobre a cultura e história da imigração italiana no Sul brasileiro.

O diferencial arquitetônico nesse projeto é a harmonia entre o antigo moinho em madeira e pedra, com as edificações novas, modernistas, em

concreto e grandes vãos envidraçados, gerando um projeto de restauro do moinho Colognese do século XX com as novas construções contemporâneas do museu do pão e da oficina de panificação e confeitaria. O projeto foi assinado pelo arquiteto Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, do escritório Brasil Arquitetura, referência nacional neste tipo de projeto.

O objetivo do projeto era restaurar o moinho Colognese, preservando as heranças coloniais oriundas da colonização dos imigrantes na região e inserir novos blocos contemporâneos visando ao fortalecimento da cultura e promovendo o desenvolvimento social, aliando a arquitetura colonial à arquitetura contemporânea e trazendo atratividade turística nesta região.

De acordo com diversos sites e reportagens online sobre a inauguração deste complexo de moinhos, neste projeto a arquitetura cumpre seu papel de renovação cultural, sendo o local principal de reencontro da comunidade local com sua história. Cem anos separam o moinho da nova edificação, porém a madeira os une, dando uma conexão entre passado e presente e exaltando o material abundante da região.

Os materiais e as técnicas construtivas revelam o cuidado em preservar a história e a cultura dos imigrantes italianos, além de manter preservada uma das principais formas de produção de alimentos oriundas dos italianos. A necessidade de dois novos blocos contemporâneos, construídos em concreto armado aparente e vidro, entram em contraste, porém, com uma harmonia que valoriza a arquitetura antiga, em virtude da rusticidade, com o velho moinho de madeira araucária (ARCHDAILY BRASIL, online, 2011).

A diferença nos estilos e técnicas é perceptível, pois 77 anos separam suas construções, assim os estilos coloniais italiano e contemporâneo se unem com o propósito de preservar e fortalecer a cultura.

### 3.2 Ilópolis e o Museu do Pão, RS

A arquitetura de imigração passou por diversas fases. Inicialmente as famílias se acomodavam em edificações temporárias e provisórias, e mais tarde construíram suas acomodações permanentes predominantemente em pedra e madeira e posteriormente alvenaria.

Conforme a região de destino, existem variações da cultura dos imigrantes, porém todos tiveram que se adaptar ao clima, a geografia e aos materiais do novo continente. O complexo industrial Weege, atual centro cultural, começou a ser construído em 1901, por imigrantes de origem germânica enquanto o Moinho Colognese, datado de 1930, foi construído por colonizadores italianos.

Abaixo, a tabela 01 apresenta as principais diferenças entre a arquitetura alemã e italiana, no período que compreende as décadas de 1900 até 1930, na região Sul do Brasil.

Moinho Colognese	Centro Cultural de Pomerode
Planta Baixa	
	
<p><b>Italiano:</b> Planta retangular, geralmente com quatro pavimentos com sótão e o porão. Mantém separada a cozinha e área de produção de alimentos conforme a arquitetura original.</p>	<p><b>Germânico:</b> Planta retangular, com várias edificações independentes. Dispersa as edificações típicas, visto que sofreu ajustes e adaptações para se adequar a uma edificação existente.</p>
Fachadas	
	
	
<p><b>Italiano:</b> Fachada linear e geométrica. Tábuas de madeira araucária assentadas</p>	<p><b>Germânico:</b> Tijolos aparentes no teatro e na casa enxaimel e alvenaria no restante</p>

sem emendas. Base em pedra ou elevada do solo, sobre troncos de madeira. Geralmente com sótão em destaque, no tipo mansarda. Rigorosamente geométrico e simétrico.

das fachadas. Coberturas com grande inclinação. Não possui grande simetria. Possui maior ornamentação e paisagismo.

## Cobertura



**Italiano:** Telhado aparente com caimento de duas águas, estrutura de tesouras em madeira araucária. As águas seguem um estilo de mansarda invertida, com 3 divisões. Telhas em argila. Presença sótão.

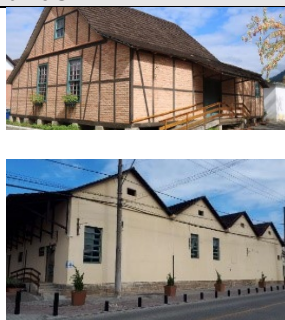


**Germânico:** Telhado cerâmico com caimento de duas águas, com estilo de mansarda invertido com 2 divisões. Grande inclinação das águas.

## Esquadrias



**Italiano:** Janelas com estrutura de madeira e fechamento de vidro, com sistema do tipo guilhotina. Todas as aberturas são em madeira araucária.



**Germânico:** Na casa enxaimel as esquadrias são de madeira com janelas guilhotina. No restante das edificações predomina as esquadrias das janelas de ferro com a utilização de vidro e portas de madeira.

## Sistema Construtivo



**Italiano:** Sistema colonial, com predominância de materiais locais e vernaculares. Predomínio de madeira e pedra.



**Germânico:** estrutura de madeira horizontal, vertical e inclinada com encaixe nos caibros da madeira. Pode ser preenchida com barro ou tijolos.

No moinho toda a estrutura é de madeira araucária, material que era pouco conhecido pelos italianos, mas muito abundante no Sul do Brasil e o qual passou a ser muito utilizados por diversos imigrantes europeus. O moinho segue a típica edificação ítalo-brasileira, com sua base em pedra para evitar a umidade e proteger a edificação enquanto a estrutura é toda em madeira, com mata-juntas e apoios de fixação perpendiculares as paredes. As janelas são guilhotinas, mais altas do que largas, permitindo a entrada de muita iluminação nos ambientes.

O Centro Cultural, embora seja uma releitura e adaptação da arquitetura industrial com os traços arquitetônicos germânicos, preserva as cores em tons pastéis com o uso de alvenaria nas paredes, a técnica muito popularizada do enxaimel, os tijolos aparentes e esquadrias em madeira com decoração em lambrequins nas varandas. A cidade de Pomerode, onde o centro cultural está implantado, foi a primeira cidade brasileira a possuir um vale tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por possuir vales ainda virgens, sem ação humana, os quais preservam a geografia do sítio.

Analisando a forma dos dois projetos, é perceptível que ambos partem de linhas retas e elementos primários, partindo de quadrados e triângulos. O retângulo é a forma mais presente, mas de acordo com Ching (2002), o retângulo é uma variação do quadrado, por isso ambos representam a pureza e o racional, já o triângulo representa a estabilidade quando em um dos seus lados.

Percebemos assim, que não existe uma variação agressiva nas formas arquitetônicas conforme a forma e função exercida nestes casos, e nem mesmo de influências de diferentes grupos de imigrantes. Ching (2002), descreve que esses espaços não precisam ser semelhantes em termos de tamanhos, forma e função, porém relacionados um ao outro pela proximidade ou simetria. Em ambos os casos, as janelas, formas da cobertura e estruturas frontais são semelhantes, tendo a técnica enxaimel peculiaridades mais visuais que as edificações italianas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas realizadas, percebe-se que a cultura pode ser preservada em prol da comunidade, salvaguardando seus valores, costumes e tradições. Ela pode estar inserida em projetos que fortaleçam a qualidade de vida, mediante atividades de lazer e conhecimento, e estar aliada ao desenvolvimento social e econômico da região, como foi o caso da cidade de Pomerode, SC e da pequena cidade de Ilópolis, RS.

O estudo constatou que as arquiteturas analisadas tiveram grande influência de técnicas construtivas dos imigrantes europeus, porém com as diferenças existentes entre os municípios e cultura, foi necessário que estes povos se adequassem ao clima local, a topografia, aos materiais construtivos disponíveis e as diversas condicionantes locais que interferiram na sua forma de habitar e desenhar suas residências.

O presente estudo possibilitou ainda, resgatar fatos e detalhes acerca do imigrante europeu, além de apresentar características peculiares acerca do modo de edificar para os italianos e alemães. Percebemos com ambos os casos, que a preservação da arquitetura é forte elemento no resgate cultural e na valorização turística de cidades, mesmo cidades pequenas como Ilópolis.

É perceptível que com o passar dos anos essas arquiteturas estão desaparecendo, devido à falta de preservação e as novas tecnologias que vem substituir as técnicas mais culturais e coloniais que são parte evidente da história do sul do Brasil. Assim fica evidente nos estudos de caso, como o poder público juntamente com a comunidade pode preservar essas edificações antigas, cabendo assim salvaguardar sua história e a integridade do local.

## REFERÊNCIAS

ALTHOFF, Vivian. (2010).Complexo Cultural Hermann Weege. [10 de Maio 2019]. Disponível em: <http://sauerkrautpomer.blogspot.com/2010/02/complexo-cultural-hermannweege.html>.

ARCHDAILY BRASIL. Museu do Pão / Brasil Arquitetura. 2011. Tradução Sambiasi Soledad. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-8579/museu-do-paomoinho-colognese-brasil-arquitetura>. Acesso em: 13 maio 2019.

BADALOTTI, Claudine Machado. Arquitetura e etnicidade: patrimônios materiais e imateriais na rota turística Caminhos de Pedra. Oficina do Historiador, Suplemento, p. 1005-1017, 2014. [19 de Abril 2019]. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/viewFile/18981/12043>.

BONETTI, Elaine Fátima; ROLLA, Ângela da Rocha; HEES, Carlos Renato. A cultura imigrante italiana no Brasil, no Rio Grande do Sul e na região centrosul. 2007. [19 de Abril 2019]. Disponível em: <https://weinmancarlos.files.wordpress.com/2015/06/acult-ura-imigrante-italiana-no-brasil-no-rio-grande-do-sul.pdf>.

BUENO, Renata. História da imigração italiana na América do Sul. 2019. [6 de Março 2019]. Disponível em: <http://www.renatabueno.com.br/pt/portal-italia/comunidadeitaliana/historia-da-imigracao-italiana-na-america-do-sul>.

CHING, F. D. K. Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem. São Paulo: Ed. Martins

Fontes, 2002.

COUTINHO, Rodrigo. A Herança Alemã de Santa Catarina: empreendedorismo, ciência e visão do futuro. Florianópolis: Expressão, 2018. [9 de Abril 2019]. Disponível em: [http://expressao.com.br/ebooks/heranca\\_alema/LIVRO\\_HERANCA\\_ALEMA\\_SC.pdf](http://expressao.com.br/ebooks/heranca_alema/LIVRO_HERANCA_ALEMA_SC.pdf).

ESPÍNDOLA, Carlos José. O impacto geoeconômico da reestruturação técnicoeconômica nas estruturas produtivas catarinenses pós-1990. Formação, Presidente Prudente, v. 25, p. 97-117, 2018. [10 de Abril 2019]. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/5198/4397>.

FURLAN, Oswaldo Ant. Brava e buona gente, cem anos pelo Brasil. Florianópolis: Ed. do Autor, 1997. v. 1. 486 p. GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. [30 de Maio 2019]. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-cmc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 edição. São Paulo: Atlas, 2008. [30 de Maio 2019]. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-cmc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2019.

GOMES, Angela de Castro. Imigrantes Italianos: entre a italianità e a brasilidade. In: IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007. p. 159-178.

GREGORY, Valdir. Imigração Alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. In: IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007. p. 141-158.

IBGE. Cidades. 2018. [21 de Maio 2019]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/videira/panorama>.

IBGE. Cidades. Censo 2010. [21 de Maio 2019]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/videira/panorama>. Acesso em: 21 maio 2019.

IBGE. Santa Catarina. Censo 2010.[21 de Maio 2019]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/panorama>

ILÓPOLIS. Complexo arquitetônico museu do pão. 2019. [13 de Maio 2019]. Disponível em: <http://www.ilopolis-rs.com.br/pontos/complexo-arquitetonico-museu-do-pao/>.

IPHAN. O patrimônio do imigrante: o modelo de ocupação do território, a arquitetura das regiões de imigração, o patrimônio imaterial. Roteiros Nacionais da Imigração, v. 2, p. 342, 2011.[7 de Março 2019]. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivlmi\\_RoteirosNacionaisImigracao\\_SantaCatarina\\_v2\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivlmi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v2_m.pdf).

JORNAL DE POMERODE. Complexo Weege: O primeiro passo para a industrialização pomerodense foi dado com a Indústria Weege, hoje, o espaço foi vendido. 2015. [1 de Maio 2019]. Disponível em: <http://jornaldepomerode.com.br/noticias/complexoweege59179>.